

## ***Fiesta y Muerte: Uma Análise da Representação da Morte nas Fotografias de Graciela Iturbide***<sup>1</sup>

Maria Cecília Marchalek ZARPELON<sup>2</sup>

Celina do Rocio Paz ALVETTI<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

### **RESUMO**

A morte é um tema determinante para diversas civilizações, seja do ponto de vista religioso, filosófico, científico ou comunicacional. Construído social e historicamente, o imaginário em torno da morte se modifica constantemente, sendo influenciado, em grande medida, pelos meios de comunicação e imagens de imprensa, que se valem de uma ideia negativa, sensacionalista e ao mesmo tempo impessoal da morte. Se antes, no Ocidente, a morte era familiar e ritualizada, ao longo dos anos, a atitude dos povos diante da finitude sofreu mudanças significativas. Cada vez mais distante, encarar a morte na contemporaneidade passou a ser um tabu. Se opondo a essa noção, a cultura mexicana trata o fim da vida fazendo dele componente e símbolo de sua identidade nacional. A morte no México é ressignificada para fazer parte da vida. Considerando a morte como fenômeno indispensável para as sociedades e a fotografia como meio de documentá-la e aprofundá-la, este artigo se propôs a percorrer as diversas elaborações da morte como elemento expressivo na constituição do ser humano, cujas possibilidades de significado se propagam no trabalho da fotógrafa mexicana Graciela Iturbide. Além disso, o trabalho se preocupou em estudar a morte não apenas no âmbito jornalístico, mas também sociológico, no sentido de verificar como ela é explorada e compreendida na sociedade ocidental ao longo do tempo. Sendo assim, a pesquisa questiona de que maneira as fotografias de Iturbide poderiam contribuir para a desconstrução de um imaginário unilateral e negativo sobre a morte. A partir disso, objetivou-se estudar como o fotojornalismo ocidental aborda a morte; descrever as principais características da cultura fúnebre do México como uma forma de aprofundar a compreensão acerca dos rituais mortuários do país; investigar como a morte é representada nas fotografias de Graciela Iturbide e verificar como o trabalho da fotógrafa contribui para a reflexão de alternativas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Recém-graduada em Jornalismo pela PUCPR, email: [mariazarpeleon@gmail.com](mailto:mariazarpeleon@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da PUCPR, email: [alvetti@uol.com.br](mailto:alvetti@uol.com.br)

no discurso fotojornalístico para abordar o fim da vida. Buscando trazer uma perspectiva histórica e crítica a respeito da morte no Ocidente, da fotografia e da comunicação na cultura ocidental, além de analisar os conteúdos denotativos e conotativos de cinco fotografias presentes na série *Muerte*, de Graciela Iturbide, o artigo se baseou nos argumentos de Rose (2016) a respeito de uma interpretação crítica da imagem e se apoiou nos procedimentos elencados por Kossoy (2020), Manini (2001), Smit (1996) e Panofsky (1979). O exame das imagens foi disposto em duas etapas: a análise técnica-iconográfica, por meio da qual foram investigados os componentes estruturais das fotografias (quem, o que, como, onde, quando, luz, cor, enquadramento e plano, posicionamento da câmera, composição, angulação e profundidade de campo) e a interpretação iconológica, que, segundo Panofsky (1979), é um método interpretativo do significado intrínseco do conteúdo da imagem. Ou seja, é o momento de interpretação dos aspectos contextuais, sociais e simbólicos da fotografia. Após a seção introdutória, o segundo segmento do estudo abordou, com base nos propostos de Ariès (2014 e 2017), Elias (2001) e Maranhão (1998), a relação das sociedades ocidentais com a finitude humana ao longo dos séculos, as transformações na representação da morte e o papel da imprensa na construção do imaginário das pessoas, seguindo os conceitos de Laplantine e Trindade (2017) e Silva (2010 e 2012), e tratou sobre a cultura fúnebre do México, segundo Paz (2004) e Argueta (2009). Mesmo sendo uma certeza absoluta, a morte é rodeada por mistérios e incertezas, para os quais a humanidade buscou respostas nas mitologias, filosofias, artes, religiões e rituais (CAPUTO, 2008). Para Rodrigues (2006) e Elias (2001), assim como a morte, os ritos fúnebres são socialmente construídos, o que significa que não possuem o mesmo sentido para todos os povos em todas as épocas e momentos históricos. Enquanto na Idade Média o fim da vida era experienciado de forma coletiva e festiva pela sociedade ocidental (RODRIGUES, 2006), essa concepção muda com o fim do século XVII, e segundo Ariès (2017), o imaginário social da morte passa a ser representado pelo horror da decomposição, da doença e da velhice. Do século XVIII ao XX, diante do avanço da ciência e da filosofia, as ritualizações da morte passam a ser cada vez menos públicas, dando lugar às ideias de higienização e possibilidade de prolongamento da vida terrena (MARANHÃO, 1998). Na contemporaneidade, morrer é um acontecimento terrível e, por isso, as sociedades não veem necessidade em ritualizar um processo que acreditam ser negativo. No México, no entanto, a morte torna-se um elemento fundamental para a

identidade cultural do país. Para o povo mexicano, o fim da vida não evoca apenas uma enorme manifestação popular e festiva, conhecida como *Día de los Muertos*, mas serve para expor indagações sobre a vida. Portanto, segundo Paz (2004), celebrar a morte significa que ela não é ocultada nem escondida como em outras regiões ocidentais. A terceira seção discorre sobre a fotografia como um meio não só de documentar o mundo, mas também de informar e servir de testemunho e preservação da memória. Este segmento também discute a história e o desenvolvimento do fotojornalismo na Europa e América Latina com base em Billeter (2003) e Kossoy (2020), a maneira pela qual as guerras foram grandes propulsoras da fotografia jornalística, segundo Sousa (2004) e Sontag (2003 e 2004), as diferenças e semelhanças entre o fotojornalismo e a fotografia documental, e ainda traz o óbito como valor notícia para o jornalismo com base em Wolf (2001) e Silva (2012). De acordo com Sontag (2003), as fotografias são importantes meios de difusão de ideias, sendo comumente utilizadas para orientar a opinião pública. Desde o seu surgimento, elas carregam a ideia de representação da verdade absoluta – conceito que irá reverberar na imprensa até a contemporaneidade. Conforme Sousa (2004), a fotografia está presente na história da comunicação desde 1842, embora ainda não se possa falar sobre fotojornalismo nessa época. No entanto, a informação trazida pela fotografia só começaria a ter credibilidade 62 anos depois, com o primeiro tabloide fotográfico. Até este ponto da história, as únicas imagens presentes nos meios de comunicação eram as ilustrações. Com o início das publicações ilustradas em meados do século XIX, as pessoas passaram a ver povos, culturas, lugares e situações – em especial as que testemunhavam o sofrimento humano – que antes não conheciam visualmente. Sontag (2003) afirma que a dor e a morte sempre foram temas de interesse para se documentar, motivo pelo qual o fim da vida é considerado pelos meios de comunicação um importante fator de noticiabilidade (WOLF, 2001). Seja por meio de textos ou imagens, a morte passou a ser extensivamente noticiada com a cobertura de guerras, conflitos e tragédias. Contudo, para Rodrigues (2006), apesar da exposição, os óbitos midiáticos, no geral, são violentos, acidentais, catastróficos, e/ou criminosos que atingem pessoas importantes. Para o autor, os meios de comunicação apenas oferecem uma falsa sensação de discussão sobre a mortalidade humana, quando na verdade a silenciam e a omitem ainda mais do cotidiano. A partir da quarta seção há a explicação dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e a descrição da história de Graciela

Iturbide. Além disso, há o detalhamento do processo de escolha da fotógrafa, que se deu após um estudo comparativo entre profissionais que documentam a morte, e das imagens a serem analisadas, pensado a partir de uma série de critérios estabelecidos pela autora. Entre as 17 fotografias que compõem a série de Iturbide, foram selecionadas cinco: *Duelo*, *Dolores Hidalgo*, *Angelito*, *Cementerio* e *Novia Muerte*. Sucederam-se, ainda na quarta seção, os resultados e conclusões das análises, para, na última seção serem abordada as considerações finais. Graças à linguagem simbólica e subjetiva, as fotografias de Iturbide são suscetíveis a diversas interpretações. Nesse sentido, é importante ressaltar que o propósito deste trabalho não foi esgotar os sentidos da representação da morte na fotografia, mas mostrar que existem diversas possibilidades de leituras. Seja pela ausência, pelos símbolos e ambiguidades, pela evocação de elementos representativos do imaginário da morte, pelos contrastes ou tradições históricas, o fim da vida foi retratado de forma empática, íntima e provocativa. Embora as fotos de Iturbide não tenham sido feitas com o intuito de serem jornalísticas, elas são úteis para pensar como o fotojornalismo poderia utilizar imagens sugestivas e simbólicas em detrimento das imagens-síntese, que tentam resumir o acontecimento sem criar a possibilidade de uma leitura crítica e complexa por parte do público. A partir da interpretação das cinco imagens selecionadas, concluiu-se que a morte nas fotografias de Iturbide é representada simbolicamente e que a força e complexidade das imagens está justamente na combinação de subjetividade, símbolos e intimidade com que a fotógrafa captura a ideia da mortalidade. Considerando a presença da morte no cotidiano das pessoas, principalmente devido à imprensa, foi intenção desta pesquisa refletir sobre as possibilidades de novas narrativas para a utilização da representação da morte pelo fotojornalismo, centradas não na objetividade e no conceito de imagem-síntese, mas na complexidade, delicadeza e simbologias que, como constatado, podem ser uma alternativa possível para aprender, reconhecer e acolher a morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Fotojornalismo; Morte; Cultura; América Latina.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Trad. de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

\_\_\_\_\_. **O homem diante da morte**. Trad. Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ARGUETA, J. *Día de Muertos en México*. Crónicas y Leyendas Mexicanas, Tomo XX. Editorial Progreso: Ciudad de México, 2009.

BILLETER, E. *Canto a la realidad*: Fotografía Latinoamericana 1860-1993. Espanha: Lunweg Editores, 2003.

CAPUTO, R. F. **O homem e suas representações sobre a morte e o morrer**: um percurso histórico. Revista Multidisciplinar da UNIESP: Saber Acadêmico, n.6, p.73-80, 2008. Disponível em: [http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf). Acesso em: 23 maio 2022.

ELIAS, N. A solidão dos moribundos. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KOSSOY, B. Fotografia e história. 5a. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. O que é imaginário. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos. 2017.

MANINI, M. P. **Análise documentária de imagens**. Informação & Sociedade, João Pessoa, v. 11, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/index>>. Acesso em: 23 maio 2022.

MARANHÃO, J. L. de S. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PAZ, O. *El laberinto de la soledad*. México: Fondo de cultura económica. 2004.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte**. 2.ed., rev. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

ROSE, G. *Visual Methodologies*: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials. London: Sage, 2016.

SILVA, G. **Imaginários de morte, o acontecimento noticioso primordial**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 9 no 2, jul/dez. p.462-474, 2012.

\_\_\_\_\_. **Imaginário coletivo:** estudos do sensível na teoria do jornalismo. Revista Famecos, Porto Alegre, v.17, no 3, set/dez. p.244-252, 2010.

SMIT, J. W. **A representação da imagem.** Informare, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SONTAG, S. **Diante da Dor dos Outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sobre Fotografia.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Chapecó/Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Fotojornalismo:** Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação.** 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.